

## RÉQUIEM À PAMPULHA

**Antônio Álvares da Silva**

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

Quem passear ao redor da Lagoa da Pampulha, em busca de paz e tranquilidade, vai deparar-se com uma cena deprimente e indigna de uma cidade civilizada.

A estiagem diminuiu o volume das águas. O que se vê é um caldo barrento de um imenso depósito de lixo humano e industrial que a omissão de sucessivas administrações municipais permitiu juntar para destruir a beleza natural que ali havia.

Urubus sobrevoam o leito, animais mortos bóiam, pedaços de utensílios e móveis domésticos se acumulam nas margens, numa cena surrealista que os olhos de uma pessoa, com um mínimo de sensibilidade, não conseguem ver sem indignação.

Estudos do Presidente da APAM, Associação dos Amigos da Pampulha, engenheiro Flávio Marcus Ribeiro de Campos e também do engenheiro Wilson Teixeira Moreira (<http://www.lagoadapampulha.com.br/arquivos/Livro%20Completo%20PDF.pdf>), dois bravos defensores da Pampulha, mostram que a represa já perdeu mais da metade de seu reservatório. E nada se fez ou se faz de concreto para evitar esta tragédia. Todas as obras de recuperação realizadas foram ineficazes e superficiais.

De vez em quando, surgem planos emergenciais de salvamento. Agora mesmo, a Companhia de Saneamento de Minas Gerais – Copasa – anuncia que, em três anos, a lagoa estará despoluída, podendo-se nela pescar e nadar. Assim será até a copa de 2.014.

Já vimos este filme várias vezes e a mesma promessa já foi repetida em todas as administrações anteriores. Gostaríamos muito que fosse verdade e temos a obrigação de crer, como cidadãos, nos órgãos públicos que administram nosso dinheiro. Mas eles mesmos é que desmentem suas palavras e deixam de cumprir com seus deveres. Não é à toa que o povo desconfia do Estado ineficaz, gastador e omissor que temos em todas as esferas - Município, Estado e União.

Mas os problemas da Pampulha não estão apenas nas águas. Caminham também para as margens. Um trânsito intenso torna impraticável a prática saudável de caminhadas, corridas e passeios a pé ou de bicicleta.

Antes tínhamos um recanto de paz que ia desde a rua São Tomé do Príncipe até o Museu de Arte. Quatro quilômetros quase sem trânsito, próprios para as pessoas se livrarem do estresse diário e cuidar da saúde. Como houve a colocação de redutores de velocidade na Av. Portugal (medida certíssima, pois o trânsito se tornou mais lento,

porém ordenado e menos perigoso), os carros desceram para as margens do lago e fazem o contorno em direção à Av. Antônio Carlos. Tomaram conta do último lugar despoluído e tranquilo, movimentando-se em alta velocidade. Por que não se coloca também nesta faixa redutores para evitar que os oportunistas não prejudiquem toda a população? Não aparecem as autoridades de engenharia de trânsito. A administração regional nada faz e o problema fica sem solução.

Não somos daqueles que criticam sem fundamento a BHtrans. Suas qualidades são muito maiores do que os defeitos. Faz o que pode, dentro das limitações de verbas e da competência que tem. Mas é preciso que ela aja nesta região, estudando uma forma de reduzir a intensidade do tráfego.

Também é preciso que a Guarda Municipal- GM- se entrose com a Polícia Militar, nossa dedicada parceira, sem cujo auxílio não haveria mais condição de habitabilidade e lazer na Pampulha, para ajudar no policiamento não só do trânsito, mas também na preservação dos bens públicos e obras de arte que existem na região. Não basta que motociclistas e carros da GM rodem pela Lagoa. É preciso um plano ordenado para que o serviço tenha eficiência e surta efeitos.

Vê o leitor que os problemas são muitos e muito já se gastou para resolvê-los. Para a recuperação plena da Lagoa são necessários 60 milhões, segundo a Copasa. É bem provável que mais da metade desta quantia já tenha sido jogada fora em obras paliativas e inconclusas. Quem vai responder pelo erro?

Será que, de fato, em 2014, estaremos esquiando e nadando na Pampulha? Ou teremos mais uma conversa de nossas autoridades, mestras em falar e omissas em cumprir o que falam? Se JK estivesse vivo e nos visitasse na companhia de Niemeyer, na certa derramaria muitas lágrimas olhando as águas verdes e barrentas em que se transformou o lago de seus sonhos. Mas esteja certo de que nossa luta continua. O povo sabe muito bem o que quer.

*(Publicado no Jornal Hoje em Dia em 04/08/2009)*